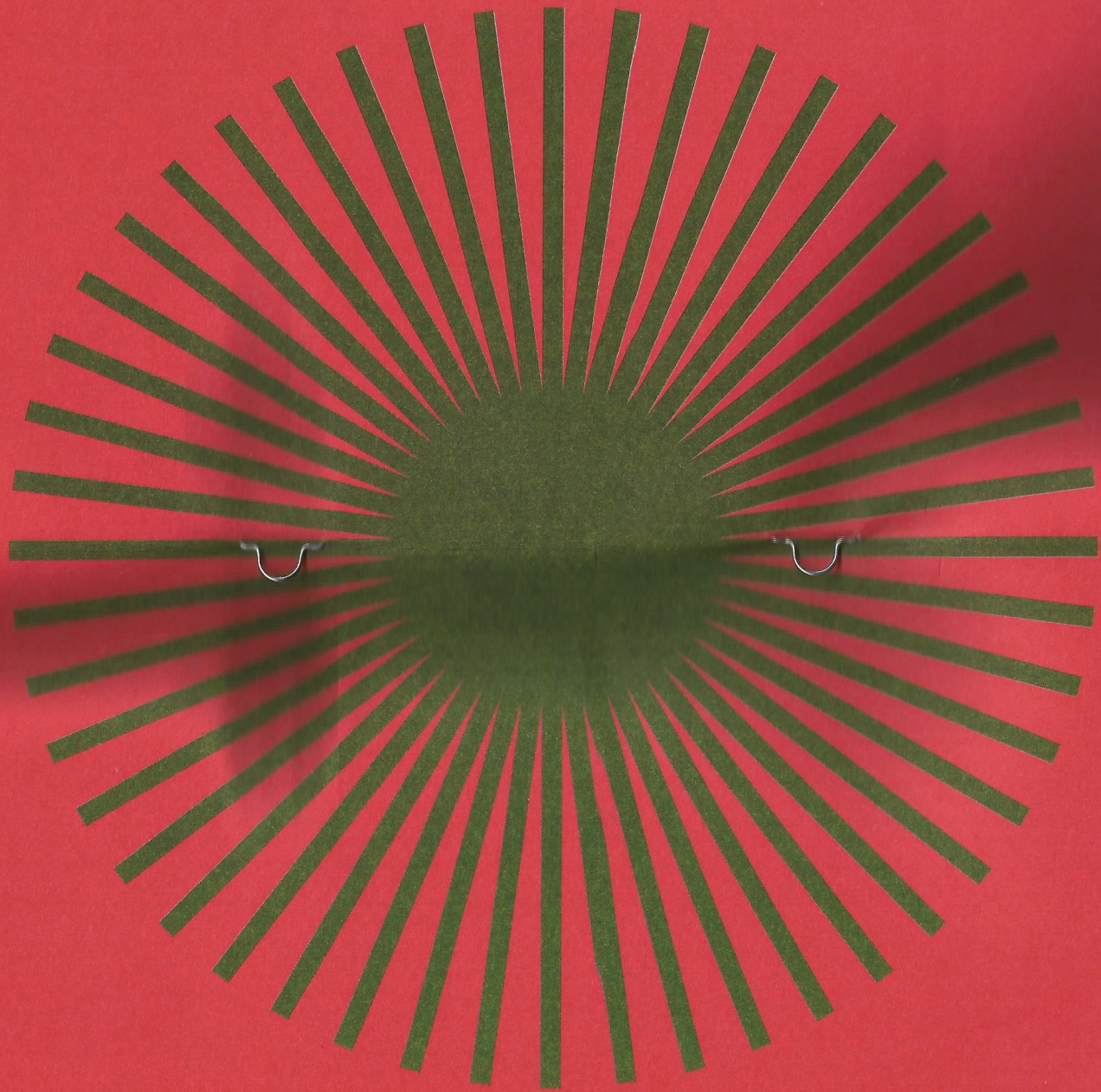


sescsp.org.br/ribeirao
Tel. 16 3977 4477
Rua Tibirçá, 50, Centro
Sesc Ribeirão Preto



mostra de arte da juventude
MOIJI

Sesc

A curadoria de uma mostra como esta é permeada por desafios. O primeiro deles é realizar uma seleção dentre a diversidade de trabalhos inscritos, que passa por analisar a maturidade e a potencialidade de tais artistas jovens que, ainda em início de carreira, apresentam trabalhos complexos e múltiplos, em termos de forma e conteúdo.

Não partimos, nessa curadoria, de um tema a priori definido, mas da análise das poéticas que ressoam nos trabalhos. É sintomático que nesse momento, por exemplo, surja a imagem do super-herói nas propostas de alguns dos artistas. Tal imagem é recorrente em momentos de crise e representa um desejo escapista da aparição de um herói que venha nos salvar. Mas a precariedade com que os artistas constroem esse herói não deixa dúvida de que se trata de miragem. Em *CAPITÃO BRASIL*, de Vicente de Lima, a capa do herói tremulando em seu glorioso voo é apenas uma sugestão provocada

populares de publicidade: o artista apropria-se dos mecanismos de compra e venda e subverte-os na linguagem da pintura. Diante de tantos super-heróis fracassados, o boneco de posto, com toda sua precariedade, revela sua potência. Será que a salvação da distopia cotidiana pode vir daí?

Em nossa longa espera pela heróica solução de nossos problemas, recortamos fragmentos da realidade e tentamos tomar posição frente a eles. Talles Lopes, por exemplo, em *A Marcha*, tensiona as relações espaciais contidas no mapa e nos relembra a arbitrariedade e a violência impostas durante o processo colonizador português e, posteriormente, relativas ao processo conhecido como Marcha ao Oeste durante o Estado Novo.

Em *Cor de Pele*, de Ana Hortides, branquitude e negritude são confrontados em suas múltiplas escalas de preconceitos e desigualdades. Ana interessa-se pela escala diminuta, mas também pela composição dos

por uma telha ondulada de amianto. O nome do herói surge escrito em purpúria: *CAPITÃO BRASIL*. Seria o ansiado voo que levaria o país finalmente para o futuro?

No outro trabalho do mesmo artista, apresenta-se a mesma imagem: em uma tela 10 x 15 cm intitulada *Transformer* — personagem criado por uma indústria de brinquedos — retrata-se um robô alienígena capaz de transformar seu corpo em objetos como veículos. Assim como o personagem cuja forma se alterna, a pintura transita entre abstração e figuração.

Em *A sala de espera do Robin*, Matheus Souza também nos coloca diante da imobilidade e decadência de um herói: em um ambiente doméstico de tons acinzentados, não há super-herói, mas vassoura, pá e uma cadeira à espera. A pintura é, para nós, transformada em *frame* de um longo tempo que se arrasta no cinza do espaço. É muito improvável que nesse cenário de espera venha a surgir algum herói.

Ainda como herói, temos o boneco de posto retratado no trabalho *Táticas de Comércio: Boneco Biruta*, de Fábio Menino. No quadro, ele vence a pressão do ar e se movimenta. A poética do artista é atravessada por objetos de consumo banais e por estratégias

diversos corpos: há, de longe, uma multidão cuja distinção é a cor e, por outro lado, o corpo materno que origina cada uma dessas crianças é invisibilizado e esquecido.

Na performance *360º*, de Amador e Jr Segurança Patrimonial Ltda, invisibilidade e vigilância convergem. De costas um para o outro, os dois performers vestidos como seguranças podem apreender o ambiente todo e garantir sua visão completa, afinal é esperado nos ambientes institucionais a vigilância: o guarda deve ver para alertar e repreender comportamentos inadequados, que podem pôr em risco a integridade das obras. Por outro lado, a própria performance corre o risco de desaparecer aos olhos dos visitantes. Assim como o mobiliário expositivo, existe um acordo tácito de tomar os vigilantes por invisíveis.

A dupla visibilidade-invisibilidade também emerge nos trabalhos de Julia Pereira. A artista insiste em pintar retratos, nos quais o rosto do retratado nunca se materializa. Ao anular as feições do rosto o que se põe em evidência é o corpo e suas pulsões, assunto comumente evitado, que a artista parece propor que enfrentemos. Uma ideia de apagamento das identidades também comparece nas pinturas de Heloisa F. Pajtak (Alaska). A artista sempre opta por borrar os rostos em pinturas

feitas a partir de retratos de família, fazendo-nos perceber a recorrência dos gestos, das poses feitas, do que está por trás da fotografia vernacular: uma institucionalização da própria vida.

Apresentam-se ainda operações quase opostas ao apagamento das memórias e faces: há a exacerbação do inventário, que origina uma espécie de arquivo-vivo infinito e, ao mesmo tempo, realizam-se operações escultóricas, que fragmentam e expõem o corpo humano em uma relação com o tempo e o espaço. Nos trabalhos de Tangerina Bruno, um cotidiano encenado é extensamente registrado. O duo se utiliza da própria imagem registrada em foto para criar complexas pinturas, cheias de detalhes que parecem remeter a estados de consciência. Tendo como pano de fundo um cotidiano banal, é a própria imaginação dos irmãos que se infiltra nas suas vidas animando e preenchendo com significados seus dias e horas.

Em *Aparecimento*, Carolina Marostica sintetiza escultoricamente uma espécie de corpo celular, cuja cor e a composição nos remetem a um universo plástico e artificial. Marostica concebe esse estranho corpo que sobrevoa o espaço expositivo. O corpo parece surgir em uma reação química incontrolável e tomar o espaço, em um jogo entre transparência e opacidade.

O tensionamento entre artificialidade e organicidade está também presente no trabalho *Colunas (Cabeças)*, de Ilê Sartuzi. Um totem, elemento atribuído pelo pensamento ocidental como objeto cerimonial para culturas indígenas, é construído pelo artista, utilizando-se de cabeças sintéticas, produzidas a partir de um manequim. Ao nos depararmos com esse objeto, nos questionamos sobre nossos objetos de adoração contemporâneos e sobre a multiplicação de corpos-prótese que, cada vez mais, mediam nossa relação com o mundo.

Em *Seiza e Casa*, obras de Daniel Higa, o corpo também se presentifica. Na primeira, os fragmentos de espuma organizam-se como um corpo, em busca do equilíbrio, pendurado no espaço. Na segunda, há um gesto que parece quase improvisado pelo artista: o universo doméstico, onde habita o corpo, invade

o espaço da exposição. O dentro e fora — de casa, do corpo — se relativizam pelo gesto de Higa.

Catarina Sabino interessa-se também pela ambiguidade entre o espaço externo e interno. Em *Pessoas que amam viram montanhas*, o traço da artista nos mostra uma paisagem de mares de morros nos quais um corpo se funde e, ao mesmo, forma a paisagem que estamos vendo. O tempo tem centralidade no trabalho da artista: o tempo geológico, no qual se formam as montanhas, parece engolir o tempo da vida humana, transformando-o em grãos de areia e terra.

A relação entre tempo e paisagens também permeia os trabalhos de Lucas Naganuma. O traço preciso contido nas gravuras em metal revela uma experiência de extensão do tempo. Não há espaço para a rapidez, mesmo quando o artista retrata uma cena de balada ou um carro em movimento. Há uma solenidade e calma daquele que observa e retrata a cidade. Em *66 pregos*,

78 segundos, de Rodrigo Arruda, a queda dos pregos materializa o passar do tempo. Após um tempo inicial, há um claro descompasso. O tempo se coloca como uma entidade impossível de controlar e que, ao mesmo tempo, possui interessante plasticidade.

Dentro de tal diversidade, é um alívio perceber na produção destes jovens criadores que, em um mundo de oferta multiplicada que tende a embotar nossos sentidos, com todo seu excesso de palavras de ordem, imagens complacentes e superficiais, o que vemos aqui é um chamamento para a reflexão, a sutileza e um convite para profundidades. Abra-se para escutar o som dessas obras, manter-se sensível é também um posicionamento político. *

ANA ROMAN
MARCELO AMORIM

CURADORES

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Administração Regional no
Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL

Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL

Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES

Técnico-social Joel Naimayer Padula

Comunicação Social Ivan Giannini

Administração Luiz Deoclecio Massaro Galina

Assessoria Técnica e de Planejamento Sérgio
José Battistelli

GERENTES

Artes Visuais e Tecnologia Juliana Braga de

Mattos **Estudos e Desenvolvimento** Marta

Raquel Colabone **Artes Gráficas** Hélcio

Magalhães **Sesc Ribeirão Preto** Mauro Jensen

29ª MOSTRA DE ARTE DA JUVENTUDE**CURADORIA**

Ana Roman, Marcelo Amorim

EQUIPE SESC

Cleber Rocha, Elisângela Pimenta, Juliana
Okuda Campanelli, Paula Faggioni, Rogério
Ianeli, Suellen Barbosa, Thaís Heinisch de
Carvalho e Silva.

Consultoria Educativa Acontemporanea

Projetos Culturais Ltda **Expografia e**

Montagem Fina Nilton Campos **Produção**

Nathalia Virga **Projeto Gráfico e Identidade**

Visual Estúdio Grade

CRÉDITOS DAS FOTOGRAFIAS**FOTOS CEDIDAS PELOS ARTISTAS**

Páginas 10, 12, 23, 31, 33 e 35.

FOTOS POR ISABELLA MATHEUS

Páginas 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24,
25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 34, 36, 37, 38 e 39.